



UMA MÃE FEMINISTA CONSTRUÍDA NAS "CRÔNICAS DE MÃE"

UNA MADRE FEMINISTA CONSTRUIDA SOBRE LAS "CRÓNICAS DE
LA MADRE"

A FEMINIST MOTHER BUILT ON THE "MOTHER CHRONICLES"

Ana Carolina Eiras Coelho Soares

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sociocultural e introspectiva realizada pela autora, uma historiadora e feminista que também é autora da coluna "Crônicas de Mãe". O ponto de partida para essa análise foi a identificação de preconceitos internalizados e naturalizados que moldaram a concepção da "boa mãe".

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Mito do Amor Materno. Crônicas de Mãe.

ABSTRACT

The article presents a sociocultural and introspective analysis carried out by the author, a historian and feminist who is also the author of the column "Crônicas de Mãe". The starting point for this analysis was the identification of internalized and naturalized prejudices that shaped the conception of the "good mother".

KEYWORDS: Maternity. Myth of Maternal Love. Mother Chronicles

RESUMEN

El artículo presenta un análisis sociocultural e introspectivo realizado por la autora, historiadora y feminista, autora también de la columna "Crônicas de Mãe". El punto de partida de este análisis fue la identificación de prejuicios interiorizados y naturalizados que configuraron la concepción de "buena madre".

PALABRAS CLAVE: Maternidad. Mito del Amor Maternal. Crónicas Madre.

* * *

Introdução

A maternidade, com suas complexidades e desafios, é uma experiência profundamente enraizada em questões culturais e sociais. Este artigo apresenta uma análise sociocultural e introspectiva realizada por mim, uma historiadora e feminista que também sou autora da coluna "Crônicas de Mãe". Nesse contexto, a coluna não apenas serve como um veículo de comunicação, mas como um espaço para o diálogo sobre as demandas e agendas maternas sob uma perspectiva feminista, bem como uma exploração da construção pessoal da maternidade.

O ponto de partida para essa análise foi a identificação de preconceitos internalizados e naturalizados que moldaram a concepção da "boa mãe". Começo compreendendo em mim como esses estereótipos são influenciados pelo patriarcado. Isso a levou a questionar e confrontar as ideias que moldaram as minhas visões de maternidade, permitindo uma compreensão mais crítica e autêntica da experiência maternal. Essa jornada de autorreconhecimento e questionamento não se limitou à esfera pessoal. A minha trajetória como historiadora e feminista e as teorias e práticas de uma maternidade feminista, interconectaram-se entre as minhas identidades como mãe, meu papel como historiadora e minha perspectiva feminista, criando assim um espaço de convergência entre esses aspectos de minha vida.

A escrita da coluna "Crônicas de Mãe" tornou-se o meio pelo qual eu expressei suas reflexões e investigações. Além de compartilhar sua própria jornada, reflito sobre as relações históricas entre maternagens, maternidades e feminismos contemporâneos, trago questões tão profundas para o âmbito público e visio contribuir para a conscientização sobre a complexidade da maternidade e sua relação intrincada com o ativismo feminista.

Em resumo, as "Crônicas de Mãe" oferecem uma visão perspicaz da minha jornada pessoal e intelectual da navego pelas complexidades da maternidade sob uma perspectiva feminista. Este relato ilumina não apenas

os desafios enfrentados pelas mães em uma sociedade patriarcal, mas também enfatiza o poder da autorreflexão e do diálogo público para a construção de uma maternidade mais inclusiva e consciente. Neste contexto, a escrita se torna uma ferramenta poderosa para a exploração da identidade, a análise histórica e a busca de significado em uma jornada pessoal e coletiva de maternidade feminista.

Neste sentido, o ensino de História entrecruzado com as questões de gênero, como bem afirma Kênia Medeiros (2022) é uma empreitada que visa educar desnaturalizando todas as narrativas que foram socialmente construídas sobre os papéis e funções historicamente designadas aos homens e mulheres em sociedade. Isso significa compreender que todos os discursos, representações e narrativas de gênero fazem parte da cultura escolar, inclusive as noções pré-determinadas de “mãe”, “maternidade” e em especial, as adjetivações “a BOA mãe” e a “mãe RUIM”, noções desenvolvidas centralmente no trabalho de Andrea O’Reilly, pesquisadora canadense que em muito guia minhas reflexões, por destacar constantemente a complexidade e a multidimensionalidade dessa experiência fundamental na vida das mulheres. Andrea O’Reilly argumenta que a maternidade não é uma experiência universal e transcendental, mas sim uma construção cultural. Ela enfatiza que as normas e expectativas em torno da maternidade são moldadas pelas diferentes culturas, sociedades e contextos históricos. A maternidade é influenciada por ideologias patriarcais, econômicas e políticas, que moldam as maneiras pelas quais as mulheres são socialmente valorizadas e percebidas como mães. A maternidade é sempre uma experiência coletiva e profundamente individual, compondo um cenário muito além do ideal tradicional de mãe perfeita. As mães enfrentam desafios emocionais, físicos e psicológicos, e essas experiências são fundamentais para compreender a maternidade em sua totalidade.

Uma das principais contribuições de O’Reilly é a ênfase na maternidade como uma fonte de identidade e autonomia para as mulheres. Ela argumenta

que as mães devem ser vistas como indivíduos autônomos, com desejos, objetivos e identidades próprias, além de seus papéis como cuidadoras. A maternidade não deve ser vista como um papel que anula a identidade feminina, mas como uma parte integral dela, e mesmo um elemento de resistência feminista. A maternidade pode ser percebida como um local de resistência política, desafiando normas de gênero opressivas e promovendo a igualdade de gênero. Ela destaca a importância de reconhecer o poder das mães como agentes de mudança social. Mães têm conhecimentos valiosos sobre cuidados, relações interpessoais, educação e desenvolvimento infantil que devem ser valorizados e respeitados. A sociedade deve reconhecer e valorizar a experiência das mães como uma forma importante de conhecimento.

Nesse sentido, o materno oferece uma perspectiva inovadora e crítica sobre a existência humana, destacando sua natureza culturalmente construída, sua complexidade como experiência vivida, sua importância para a identidade das mulheres, seu potencial como forma de resistência e sua contribuição para o conhecimento. Suas ideias têm desafiado paradigmas tradicionais e enriquecido o campo dos estudos sobre maternidade, oferecendo uma visão mais completa e inclusiva dessa experiência central na vida das mulheres.

Como ser feminista se encaixa nesse papel tão emoldurado por padrões tradicionais de gênero em nossa sociedade? E como construir representações positivas de novas formas de materno em que os afetos possam existir de maneira plena em uma cultura que, comumente marcada pelo patriarcado, precisa subjugar as mulheres e diminuir-las em suas existências para que as engrenagens políticas/sociais/culturais/econômicas possam manter seu *status quo*? Em outras palavras, como se construir e a uma narrativa de uma “mãe feminista” questionadora e crítica das desigualdades de gênero?

Se a maternidade é uma experiência fundamental e única na vida das mulheres, mas sua compreensão e interpretação variam de acordo com

diferentes perspectivas de vida é preciso reconhecer as mães a importância de reconhecer as mães como indivíduos autônomos, além de seus papéis como cuidadoras, em um universo de profundas riquezas riqueza das experiências maternas, indo além dos estereótipos tradicionais de maternidade. Mães acumulam conhecimentos sobre cuidado, relações interpessoais e desenvolvimento infantil que são frequentemente subvalorizados pela sociedade. Somos possíveis agentes de mudanças sociais e a maternidade pode se construir como um local de resistência.

O falso dilema, presente no contexto brasileiro, "ser mãe ou ser uma profissional de sucesso" ainda é uma afirmação válida, e tem levado muitas gerações a acreditar que o lar é naturalmente o local de trabalho mais elegível para as mulheres. Os vários feminismos contemporâneos, especialmente aqueles que surgiram através dos meios digitais, sublinham que "tornar-se mãe", (um ato plural de "fazer social") nem sempre recebeu a atenção das agendas dos feminismos, e eu como feminista luto por ser mãe e tento tentar todas as tarefas que "supostamente deveria tratar". Apesar das importantes questões que a maternidade levanta como: controle de natalidade; maternidade obrigatória; o papel social das mulheres e da presença das mães no mercado de trabalho; amamentação; divisão de gênero nas relações de cuidados, e várias outras, no Brasil ser mãe é uma escolha privada e, portanto, uma questão privada: é apenas manter o legado da privatização nos cuidados infantis principalmente como "trabalho de mulher", como afirma Silvia Federici.

A maternidade e o seu impacto na vida profissional das mulheres, a sua presença efetiva no mercado de trabalho, na investigação acadêmica, numa abordagem interdisciplinar. Baseado em Andrea O'Reilly [Maternidade Feminista] da maternidade como uma função social, e do gênero como uma categoria de análise Joan Scott [Gênero e Política da História] e Judith Butler [Problemas de Gênero] debates), e na investigação de Silvia Federici [Revolução do Ponto Zero] sobre a divisão sexual e como funciona para a Grã-

Bretanha e reforçar a invisibilidade e marginalização do trabalho feminino, bem como a sua desqualificação no mercado de trabalho e ambiente acadêmico.

Assim, começo a escrever para me compreender e descubro que através dos temas que escrevi e da recepção de mensagens recebidas através de comentários, e-mails e mensagens em vários meios de comunicação social, torno-me um orador de "feminismos maternos" e analiso esse impacto: na minha própria vida e numa discussão aberta e difundida, muito importante para compreender as desigualdades históricas e sociais no Brasil.

Todas as pessoas falam de um lugar demarcado sociocultural e histórico: eu não sou diferente. Eu sou uma mulher branca latina cis, mãe de duas crianças, professora universitária, nascida no subúrbio do Rio de Janeiro e "migrada" para o Estado de Goiás no Brasil para trabalhar na Universidade Federal de Goiás em Goiânia. Embora seja o mesmo país, as diferenças culturais dos Estados no Brasil são visíveis, inclusive no que tange ao cuidado e as ideias que se percebem sobre a maternidade. De alguma maneira, eu vivo em "terra estrangeira": primeiro pois a minha base familiar, principal rede de apoio das mães vive em outro Estado e além das minhas amizades profundas. Precisei, solitariamente, criar novos laços de solidariedade e suporte a partir do zero.

A solidão do maternar aliada à distância do meu local de pertencimento de origem, tornou a minha experiência bem mais difícil que se ocorresse em outras circunstâncias. Aprendi com a solidão e que as pessoas desconhecidas são capazes de oferecer ajuda e construir uma comunidade de apoio. E também que as forças primárias de divisão entre os gêneros operam com bastante intensidade ainda no Brasil: o maternar, que são os cuidados básicos e emocionais com as crianças, ainda são prioritariamente uma seara feminina, na qual os homens não querem ou são considerados inaptos a assumir. Como éramos basicamente eu e meu esposo na cidade, a divisão igualitária dos cuidados muitas vezes causava choque e desconforto social nas

pessoas. A sensação de “não pertencimento estrangeira” apenas aumentava nessas situações:

“Mães que viajam”

26 de julho de 2015

Essa é pequena, assim como é o espaço dentro de mim. Viajar e deixar a filha em casa, passando mal, é o mesmo que rasgar o peito em pedaços estilhaçados e juntar tudo meio enlatado e dizer a meia boca *“eu volto logo, querida, vai ficar tudo bem.”*

“Vai ficar tudo bem.” Parece que ultimamente é o que mais tenho falado para tudo e para todo mundo e para mim.

Quando o “tudo bem” chega?

Nenhum alívio parece nos acalmar.

(Complemento)

Uma amiga que mora perto é uma família inteira quando estamos angustiadas. Sororidade em gestos reais.

Obrigada, Sônia, por ser tanto em nossas vidas!

“Vai ficar tudo bem”. Vai, sim.” (SOARES, 2022, p. 137)

A crônica acima ilustra exatamente essa situação, em uma ocasião que precisei viajar a trabalho e minha filha mais velha, na época filha única estava passando mal, tendo ficado apenas sob o cuidado do pai. Nela podemos perceber a angústia partilhada nessa situação de parentalidade sem rede de apoio consolidada através de núcleo familiar, mas que surge com gestos de amizades que foram sendo construídas nesse novo lugar em que fomos viver.

“Crônicas de Mãe” surgiu de maneira espontânea entre 2013 e 2014, sendo publicada inicialmente apenas em meu Facebook pessoal. Lembro-me que foi um dia em que decidi registrar esse cotidiano do maternar, tão atribulado e diferente das imagens e discursos que nos fazem acreditar, principalmente no que tange à ideia de “instinto materno”, noção de que todas as mães sabem exatamente o que fazer assim que seus filhos nascem. O fato de que eu me sentia deslocada desse lugar, por muito tempo me fez acreditar que eu era uma “mãe má” e incompetente, pois como O’Reilly cita em seus trabalhos, o discurso e as imagens sobre a “boa mãe” sabe exatamente como agir, executa um maternar sem falhas e está sempre disponível para as suas crianças,

despendendo um enorme tempo e energia em atividades e tarefas e estando sempre pronta para as necessidades da criança. Eu, certamente, não me encaixava nessa definição, o que fez o início do meu maternar um longo período em que eu me sentia incapaz de “ser mãe”, com a certeza de que eu não era qualificada para essa tarefa que se dizia parte de um feminino essencial - dentro da lógica binária de diferença entre os gêneros - ou seja, eu me sentia uma espécime defeituosa e monstruosa, com algum tipo de “falha de fabricação: “Quando a maternidade na vida cotidiana é abordada, os discursos são sobretudo elaborados sobre "as delícias de ser mãe", "a realização da mulher" e por vezes referem-se à experiência agridoce de ser mãe” (p.104).

No entanto, após ter escrito a primeira crônica, apenas como um desabafo em minha rede social particular, recebi tantas respostas e comentários positivos, afirmando que pela primeira vez alguém tinha escrito algo real e verdadeiro sobre a maternidade, as mulheres afirmando que se identificavam totalmente com as minhas palavras e sensações, que eu percebi que precisamos e muito conversar sobre o maternar de maneira simples e sincera e a internet era um meio de alcance enorme. Um dos comentários, inclusive, teve grande impacto em minha decisão de continuar escrevendo que foi algo como “porque nenhuma mulher fala sobre maternidade desse jeito. Passei anos sofrendo sozinha as mesmas coisas que você acaba de descrever.” Fiquei bastante reflexiva sobre quantas mulheres viviam essas angústias de maneira solitária, e que isso só servia para alimentar a “culpa” materna e as exigências de um sistema patriarcal que te cobra o lugar de “boa mãe” com todas as forças.

Ehrensaft descobriu que a culpa materna está relacionada com as expectativas sociais de uma boa maternidade. Embora reconhecendo as mudanças sutis na criação dos filhos, especificamente o maior envolvimento dos pais, Ehrensaft salientou que foi a mãe que permaneceu "no comando", carregando uma maior "carga mental" de parentalidade. Ela acrescentou que para as mulheres que saem de casa para trabalhar, é difícil para elas renunciarem à criação dos filhos para outra pessoa. Ehrensaft argumentou que as mulheres nestas situações igualitárias e partilhadas desistem do poder, "apenas para encontrar sentimentos

de culpa socialmente induzidos por não ser uma mãe 'verdadeira', e talvez até por ser uma mãe 'má'. (O'REILLY, 2010, p. 472)

O patriarcado se remodela em pequenos atos. Uma das pesquisas que realizei, de maneira informal, foi procurar quem no Brasil estava debatendo sobre maternidade e descobri, na época apenas uma Youtuber, "The Hel Mother" e algumas poucas comunidades que serviam somente para tirar dúvidas sobre amamentação e afins. Havia um enorme vazio de um discurso sobre a "maternidade real" e suas dificuldades na época.

Os grupos de trabalho e centros de estudo são formados por docentes e/ou pesquisadoras com o objetivo principal de proporcionar um trabalho de enquadramento teórico para desenvolver o tema, encorajar a sua inserção em agendas de discussão popular e, através da democratização do conhecimento, reflectir sobre a inserção de mulheres/mães em espaços públicos e universidades. Os colectivos de mães nas universidades são formados por estudantes para defender o seu direito de permanência na universidade, organizando as suas agendas e dialogando com as universidades para implementar políticas públicas que evitem que as mães estudantes abandonem a universidade. As mídias sociais desempenham um papel fundamental na criação de redes de intercâmbio, experiências, encontros e debates. (SOARES; CIDADE; SANTOS; CARDOSO, 2021, p.106-:107)

Embora essas discussões tenham se iniciado no Brasil de maneira informal no ambiente universitário no começo dos anos de 2012, apenas em 2016, os primeiros coletivos de mães discentes foram formados, e posteriormente uma discussão docente sobre o tema, o que fez a temática das diversas formas, desafios e dilemas sobre o as maternidades e os maternares, de uma maneira consciente e real, aflorar.

Em 2017 foram criados vários colectivos centrados na discussão da maternidade, tais como o grupo "Mães em Estudos de Pós-Graduação", uma comunidade que reúne mães estudantes/professoras/cientistas de todo o mundo (...) Como a luta pela maternidade nas universidades se relaciona com todas as mães cientistas do meio acadêmico, os colectivos de mães estudantes universitárias multiplicaram-se, acrescentando força a esta nova forma de compreender o ambiente acadêmico, no qual todos têm um direito equitativo à educação e a um diploma universitário. (SOARES, CIDADE, SANTOS, CARDOSO, 2021, p.107-108)

Dentro dessas discussões estava o feminismo materno, movimento que eu me identificava e me sentia representada, a ponto de auxiliar a fundar um

2018 o coletivo de mães na UFG e, posteriormente o Grupo de Trabalho Mães Cientistas e Maternidades Plurais e uma página no instagram chamada Feminismos Maternos, cujo lema é “O seu feminismo inclui as mães?” como uma provocação para a crítica aos movimentos que se dizem emancipatórios, mas reproduzem pensamentos colonialistas sobre os maternares.

De uma certa maneira, o meu fazer pessoal e o meu existir acadêmico fundia e refletiam novas reflexões e estudos. Nesse sentido, “Crônicas de Mãe” surge como um transbordar de sensações e se torna um lugar de reflexões comunitárias, como um devir materno cada vez mais consciente e politizado. A cada dia eu incorporava e me autorizava, definindo-me contra um sistema patriarcal opressor e resistindo com uma autonomia exponencialmente mais crítica, de que aquilo que chamavam de dilema da boa mãe/mãe má era, de fato, as amarras sociais e culturais um dos maiores pilares de controle das mulheres mães.

De acordo com O’Reilly, as boas mães são constantemente associadas a palavras como nutridoras, devotas, amorosas e altruístas, não possuindo nenhum outro desejo de vida além de cuidar de seus filhos e colocando sempre as necessidades deles antes das suas. São mulheres abnegadas e sem vida própria além do que vivenciam através da maternidade. Bem, eu preciso que todos os esforços recorrentes para que eu entrasse nessa moldura falharam. Talvez pela minha formação em estudos de gênero, talvez pelas minhas atuações feministas, mas, principalmente por eu me recusar a ser apenas “mãe” como uma identidade plena de si – o que sempre me pareceu pouco e incompleto – eu me sentia, no cotidiano do maternar com minha primeira filha, uma fraude, eternamente culpada por não entrar na forma desta receita de bolo que a sociedade insistia que era a “fonte de toda a minha felicidade”. Não era. E ao mesmo tempo que várias pessoas, através das minhas “crônicas” descobriram-se igualmente aliviadas por não se sentirem sozinhas nesse processo de vilanização das mães que não se encaixam como “boas mães”, eu ia descobrindo toda uma área de estudos sobre maternidades e feminismos

que não chegavam ao Brasil. O que introduz a uma série de reflexões, que de maneira genérica podem ser expressas com o seguinte questionamento: o que os silêncios produzidos sobre determinado tema falam a respeito da sociedade que vivemos?

A naturalização do chamado “amor materno” como espaço das mulheres é uma das heranças históricas mais fortes e pujantes do colonialismo latino brasileiro, a tal ponto que colocar esse tema em debate no país, até hoje é fonte de uma enorme discussão, na qual se evocam argumentos religiosos cristãos e ciência que “comprova” que mulheres são mais “propensas, sensíveis e adequadas” para os cuidados com as crianças. É uma barreira que esbarra na cultura política/sócio/econômica e histórica brasileira.

O mito do amor materno é uma construção social e cultural que se desenvolveu ao longo da história e que continua a influenciar profundamente a maneira como a sociedade encara a maternidade. Esse mito idealiza o amor materno como uma força natural e inata que as mães devem sentir por seus filhos desde o momento do nascimento. Ele sugere que as mães são programadas biologicamente para amar e cuidar de seus filhos de forma altruísta e incondicional. No entanto, essa representação mitificada da maternidade é altamente problemática e merece uma análise crítica.

O mito do amor materno coloca um fardo significativo sobre as mães. Ele cria a expectativa de que as mães devem ser perfeitas, sempre dispostas a sacrificar seus interesses pessoais em prol dos filhos. Isso pode levar a um sentimento de culpa nas mães que não se encaixam nesse ideal ou que têm dificuldade em atender a essas expectativas impossíveis e ignora as complexidades da maternidade. Ele não leva em conta as emoções contraditórias que as mães podem experimentar, como o estresse, a frustração e a exaustão. Isso pode criar uma pressão adicional sobre as mães, levando-as a esconder suas emoções negativas por medo de serem julgadas.

O mito do amor materno também contribui para a idealização do papel das mães na criação dos filhos, enquanto desvaloriza a contribuição dos pais. Essa

representação mitificada sugere que apenas as mães são capazes de amar e cuidar das crianças de forma adequada, o que pode limitar o envolvimento dos pais na vida dos filhos e reforçar estereótipos de gênero prejudiciais.

Outra crítica importante é que o mito do amor materno pode afetar negativamente a saúde mental das mães. A pressão para se encaixar nesse ideal de amor maternal pode causar estresse, ansiedade e até depressão pós-parto em algumas mulheres. Isso ocorre porque elas podem se sentir inadequadas ou incapazes de corresponder às expectativas impostas a elas. No Brasil, ele veio com as noções de “boa esposa” e “boa mãe” construídas no século XIX e a pressão para ser uma "boa mãe" ainda são intensas contemporaneamente, com normas rígidas que ditam como as mães devem se comportar e o que devem priorizar em suas vidas. Essa representação mitificada da maternidade cria expectativas impossíveis para as mães, desvaloriza a contribuição dos pais, pode prejudicar a saúde mental das mães e ignora a complexidade da experiência maternal. É fundamental reconhecer a diversidade das experiências maternas e oferecer apoio às mães em suas jornadas individuais de maternidade.

Portanto, foi exatamente desafiando as normas da “boa mãe” e do mito do amor inato, natural e incondicional que me vi escrevendo pensando nas construções diárias de trabalho, afetos, trocas e convivências. Nesse ponto de virada, repleta de ideias e novas reflexões, que a crônica a seguir foi produzida:

Prelúdio

21 de janeiro de 2017

Essa é uma crônica que deveria ter sido escrita há muito tempo. É como eu me sinto desde meados do ano passado. Mas 2016 foi um ano muito esquisito, então essa é crônica que inaugura a temporada de 2017:

Oi! Eu sou Ana Carolina Coelho. Eu sou uma mãe Má (como o grupo do “Club de Malas Madres”). Uma péssima mãe. daquelas terríveis. Não nasci para ser mãe e sou um atentado a essa “profissão”. Sabe, sempre quis ser uma, pode ser porque fui criada vendo “coisas de menina”, pode ser porque gostava de cuidar da minha

irmã menor, apenas achava que ia ser mãe e ia ser boa nisso. Que seria fantástica. Mas não sou.

Minha filha se chama Clara Rosa, tem cinco anos, e eu ainda não descobri como dar conta de fazer tudo que dizem que é preciso fazer: horários, rotina, alimentação, escola, produtos de higiene, roupas, acessórios de segurança, tempo certo de exposição à tecnologia, amizades, linguajar e, para você ver, esqueci o resto. Hoje, por exemplo, dei pelo menos umas sete broncas na Clara. Sérias. Fora aqueles berros: BOTA O CHINELO AGORA! CADÊ O CHINELO NO PÉ?

Minha casa está cheia de brinquedos espalhados. E desenhos. E tinta. E material escolar, que acho que já deveria ter sido entregue na escola, mas ainda dá tempo, então tudo bem. Aliás, mandei fazer adesivos lindos para colar no material escolar dela, daqueles com nome da criança, série e escola, só não tive tempo de buscar.

“Vai dar tempo!” é tipo um mantra dos últimos cinco anos...

Clara Rosa adora pirulito, bala, chocolate, sorvete, pipoca, mate e biscoito. Eu adoro pirulito, bala, chocolate, sorvete, pipoca, mate e biscoito. E café. Realmente AMO café e fico feliz que ela não goste porque é quente e amargo. Ensino que é preciso almoçar e jantar todo dia, muito embora eu troque qualquer refeição por esses itens acima. E pizza e pastel e... bem, você entendeu.

A grande questão que sempre me incomoda é: quem inventou tanto julgamento em cima das mães? Tanta pressão? Para que fazer da maternidade um campo de batalha ou um jogo com tantas instruções que a faz parecer um emprego de tempo integral com todos os ônus e nenhum bônus?

Eu não gosto das matérias do tipo “*Você pode deixar seu filho ficar descalço um dia que não fará mal*” ou “*Tudo bem deixar comer sorvete durante a semana, às vezes*”, e vou dizer o motivo: porque se deixamos a criança ficar descalça a porcaria da semana toda, pois estamos estressadas e cansadas e trabalhando que nem loucas, ou simplesmente porque ficar descalço é bom à beça, ficamos culpadas pelo RESTO DA VIDA! “*Ah! Mas ela/ele pode pegar um resfriado!*” Pode. Se estiver frio, eu com certeza irei agasalhá-la e, se estiver quente, como esteve hoje, ainda assim vou ficar berrando “BOTA O CHINELO AGORA! CADÊ O CHINELO!?”. Então, não importa o tempo, eu cuidarei dela E se eu esquecer em algum momento de avisar pela centésima nona vez para ela colocar o casaco/chinelo/meias E se ela/ele pegar resfriado, com certeza não foi pela MINHA falta de cuidados e atenção. Crianças ficam resfriadas. E por mais que, nós, mães, achemos que podemos controlar tudo na vida delas, preciso dizer algo completamente frustrante aqui: NÃO PODEMOS!

Eu detesto verdadeiramente essa parte da maternidade. A impotência. Às vezes, crianças ficam doentes e não é CULPA nossa e não há nada que possamos fazer além de cuidar e carinhar e ficar perto até passar. Então, PAREM DE NOS FAZEREM AINDA MAIS CULPADAS!

“Tudo tem limites”, eu sei e concordo. O que quero é mais sororidade e menos julgamento. Mais soluções e menos represálias. A vida acontece, e podemos viver melhor nos ajudando e não nos destruindo com julgamentos.

E quem não quer comer sorvete a semana toda? E quem morreu disso? E quem não fez isso quando virou adulto? Eu me lembro do dia em que eu, Beta e Renato éramos adolescentes —meus dois melhores amigos/irmãos da vida toda —, tivemos finalmente dinheiro suficiente e compramos cada um pote de sorvete de dois litros e fomos andando, três adolescentes felizes e inconsequentes — sim, houve uma época em que andávamos sozinhos na rua — para casa do Renato ver filmes e comer sorvete. Passamos mal de tanto comer sorvete! E foi maravilhoso!

É óbvio que não penso em dar dois litros de sorvete para Clara e é óbvio que penso em alimentação saudável e na segurança dela. A questão é que eu me sinto constantemente culpada de tudo em ser mãe.

O negócio é que eu estou cansada de tentar ser uma boa mãe. Eu não sou. Eu sou uma MÃE MÁ.

Hoje Clara Rosa tomou umas sete broncas, ficou de castigo e foi dormir sem jantar. E tivemos umas dez conversas também. E também brincamos de formiguinha que a perseguia, vimos filme juntas, ela dançou pelo quarto a música final do filme, e rimos juntas da história que li para ela antes de dormir. E na hora que fui dar um beijo de boa noite, ela listou tudo que vai ter que fazer certo amanhã para que eu não brigue com ela.

“Eu te amo, mamãe”. “Eu te amo, Clara”.

Não sei o que estou fazendo, não sei se está dando certo. Comemoro cada vitória. Mas cansei de manuais e rituais. De julgamentos alheios. E de me sentir culpada.

Ok. Eu não sou boa nisso, como as pessoas cobram que sejamos. Eu não sou boa sequer em seguir todas as regras e técnicas de criação das crianças. Eu começo a perceber que teremos que inventar nossas próprias formas de existir e conviver. Algo que envolva um maternar amoroso com limites: um AMATERNAR a vida entre nós.

Eu não vou desistir. Eu amo ser mãe. E sou péssima nesse jogo que a sociedade inventou e diz que é a maneira “certa” de maternar. Não fujo de uma luta e agora vou ser eu mesma: uma mãe má(ravilhosa). (SOARES, 2022, p. 23-26)

É possível perceber nitidamente, nessa escrita ensaística, a forma como eu analisava o meu próprio maternar e o transformava, conforme eu também me educava sobre o tema e refletia sobre a falta da existência de uma rede de apoio feminista no Brasil. Esse “devir feminista materno” pode se dar em circunstâncias que aliam a vivência, o meu engajamento nos movimentos feministas e o questionamento constante das divisões binárias de gênero, em um saber e fazer que uniam teoria e prática, tanto pela falta quanto pelo desejo de uma maior visibilidade do debate no país, que inclusive fomentassem políticas públicas de apoio às mães.

A minha posição nessa escala de discussão é considerada de privilégio, uma vez que já sou professora universitária, em um cenário em que mães discentes universitárias lutam diariamente para finalizar seus estudos e assegurar uma vaga e condições de permanência em universidades do Brasil. No entanto, a privatização dos cuidados com as crianças e a naturalização de discursos sobre a maternidade, aliadas às enormes demandas de produção para se manter nos cargos, me colocam em uma posição de constante fragilidade e sobrecarga de trabalho invisibilizada pela ideia de um “amor materno” que a tudo preenche e em tudo nos tornar plenas.

Os maternares são plurais e dependem das pessoas e de seus lugares e possibilidades históricas. O livro “Crônicas de Mãe”, publicado em 2022 através de um financiamento público e coletivo bem-sucedido feito em um site de arrecadação para realização de projeto no Brasil, o www.catarse.com.br, foi essencialmente a coletânea das crônicas publicadas *online* no Facebook até meados de 2020, quando fui convidada a escrever uma coluna bimensal no site nacional da Revista Cláudia intitulada “Crônicas de Mãe”. Nessa coluna, as histórias pessoais se mesclam com reflexões mais adensadas de História e conhecimento acadêmico sobre as maternidades de uma maneira pública e acessível. No meio da pandemia foi fundamental a discussão sobre a sobrecarga e uma divisão mais equitativa dos cuidados domésticos e com as crianças, que ainda no Brasil, são empenhados pelas mulheres, mesmo com *lockdown* do início da pandemia, o que pôde ser atestado em nossa pesquisa feita com a comunidade da Universidade Federal de Goiás pelo Grupo de Trabalho Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais, confirmando as heranças históricas da divisão sexual de gênero.

Utilizo o termo maternidade feminista para me referir a um discurso oposto de maternidade, uma que é construída como uma negação da patriarcal maternidade. Uma prática/teoria feminista da maternidade, portanto, funciona como uma contra-análise da maternidade: procura interromper a narrativa-mestra da maternidade para imaginar e implementar uma visão da maternidade que é empoderadora para as mulheres. A maternidade feminista é assim determinada mais pelo que não é (ou seja, a maternidade patriarcal) do que pelo que é. A maternidade feminista pode referir-se a qualquer prática de maternidade

que procure desafiar e mudar vários aspectos da maternidade patriarcal que fazem com que a maternidade seja limitativa ou opressiva para as mulheres. Rich usa a palavra corajosa para definir uma prática não patriarcal de maternidade, enquanto Baba Cooper chama a essa prática uma maternidade radical. (O'Reilly, 2008, p. 04)

É possível notar claramente, nesta escrita dessaística, a forma como analisei a minha própria maternidade e a transformei, uma vez que também me eduzei sobre o tema e reflecti sobre a falta de existência de uma rede de apoio feminista no Brasil. Este "tornar-se uma feminista materna" pode ocorrer em circunstâncias que combinam a minha experiência, o meu envolvimento em movimentos feministas e o constante questionamento das divisões binárias de gênero, num saber e fazer que une teoria e prática, tanto pela falta como pelo desejo de uma maior visibilidade do debate no país, o que iria mesmo encorajar políticas públicas de apoio às mães.

A importância da historicização das essencializações feitas pelos gêneros, e daí a noção de maternidade, que estava intimamente associada à feminilidade, permite-nos compreender como as subjetividades podem vir a ser moldadas de acordo com os interesses sociais e políticos. Como Joan Scott expressa numa entrevista concedida a Mirian Grossi, Maria Luiza Heilborn e Carmen Rial:

Não creio que haja uma essência da mulher, uma subjectividade feminina ligada ao corpo, à natureza, à reprodução e à maternidade. Mas penso que existe uma subjectividade criada para as mulheres, num contexto específico da história, da cultura e da política. [...] Insisto na historicização da subjectividade contra aqueles que insistem na diferença das mulheres, uma diferença, quer da natureza quer da cultura, que toma as mulheres como seres sem história. Penso que a ideia da maternidade, do corpo, não constitui necessariamente uma experiência comum. (SCOTT, 1998, p. 116)

Neste sentido, Joan Scott politizou a discussão sobre a dicotomia entre homem/ mulher, o seu uso cheio de explicações causais e universais, defendendo que estas explicações "desnaturalizadas" podem permitir uma melhor compreensão das relações humanas, no sentido de que se pode pensar a organização e percepção do conhecimento histórico, apresentando o

masculino e o feminino como construções subjectivas, históricas, com propósitos sociais, culturais, políticos e económicos. Por outras palavras, que essas naturalizações servem uma organização específica da sociedade que visa manter "comportamentos" e "papéis" sociais bem definidos, a fim de ter um maior controle sobre a vida em sociedade.

A minha posição neste leque de discussão é considerada privilegiada, uma vez que já sou professora universitária, num cenário em que as mães estudantes universitárias lutam diariamente para terminar os seus estudos e assegurar um lugar e condições de permanência nas universidades no Brasil. No entanto, a privatização dos cuidados infantis e a naturalização dos discursos sobre a maternidade, aliada às enormes exigências da produção para manter os empregos, colocam-me numa posição de constante fragilidade e sobrecarga de trabalho tornada invisível pela ideia de um "amor materno" que preenche tudo e nos torna cheios de tudo. Além disso, vivo numa cidade distante da minha cidade natal, um "carioca" em Goiânia, e tive de construir lentamente uma rede de apoio e solidariedade, que por um lado era essencial para a minha pequena família viver numa "comunidade" e por outro lado havia toda a pressão para manter o estilo tradicional da família burguesa do século XIX: papai, mamãe e filhas/os. Perguntavam-me constantemente quando teríamos mais filhas/os e no meu trabalho também me lembravam frequentemente de "ir para casa e tomar conta da minha filha", enquanto o ritmo de produção de uma professora universitária/pesquisadora não muda ou aumenta proporcionalmente nas universidades, mesmo que tenhamos filhas/os pequenos para cuidar. O resultado disto é que o apelo do patriarcado é manter a nossa produção sempre mais baixa e menos qualificada que a dos homens, que não sofrem nenhuma destas pressões no ambiente universitário no Brasil, mesmo que tenham filhas/os pequenas/os.

As maternidades são plurais e dependem das pessoas e dos seus lugares e possibilidades históricas. O livro "Crônicas de Mãe", publicado em 2022 através de um financiamento público e coletivo de sucesso feito num site de

angariação de fundos para a realização de projetos no Brasil, o www.catarse.com.br, foi essencialmente a coleção de crônicas publicadas online no Facebook até meados de 2020, e trata essencialmente da minha relação materna construída com a minha filha mais velha, embora já existam algumas crônicas sobre o nascimento da minha segunda filha e este processo de compreensão da historicidade das maternidades e das suas experiências plurais e únicas.

No ano de 2020, fui convidada a escrever para alguns websites e, mais tarde, numa coluna bimestral no website nacional brasileiro da Revista Cláudia (uma revista muito prestigiada e orientada para as mulheres) intitulada "Crônicas de Mãe". Nesta coluna, as histórias pessoais são misturadas com reflexões mais densamente estratificadas da história e dos conhecimentos acadêmicos sobre a maternidade, de forma pública e acessível. No meio da pandemia global foi fundamental discutir a sobrecarga e uma divisão mais equitativa da assistência doméstica e infantil, que no Brasil ainda é realizada por mulheres, mesmo com o encerramento do início da pandemia, o que poderia ser atestado na nossa pesquisa feita com a comunidade da Universidade Federal de Goiás pelo Grupo de Trabalho de Mulheres Cientistas e Matérias Plural, confirmando os legados históricos da divisão sexual de gênero.

Uso o termo maternidade feminista para me referir a um discurso oposto de maternidade, construído como negação da maternidade patriarcal. Uma prática/teoria feminista da maternidade, portanto, funciona como uma contra-argumento da maternidade: procura interromper a narrativa-mestra da maternidade para imaginar e implementar uma visão da maternidade que é empoderadora para as mulheres. A maternidade feminista é assim determinada mais pelo que não é (ou seja, a maternidade patriarcal) do que pelo que é. A maternidade feminista pode referir-se a qualquer prática de maternidade que procure desafiar e mudar vários aspectos da maternidade patriarcal que fazem com que a maternidade seja limitativa ou opressiva para as mulheres. Rich usa a palavra corajosa para definir uma prática não patriarcal de maternidade, enquanto Baba Cooper chama a essa prática uma maternidade radical. (O'REILLY, 2008, p. 04)

Por isso, a maternidade que é proposta feminista em terras latinas é um desafio ainda maior, porque somos constantemente chamadas aos apelos da "mãe protetora latina amorosa" que vive para as crianças e esta é a maior prova de que somos boas mulheres e pessoas simpáticas. É a recusa de uma identidade de gênero única e fixa e de compreender os nossos limites e dilemas, sem julgamentos e sem culpas incessantes. Podemos ser mães em toda a extensão das nossas existências, desejos e apoios. Dos nossos sonhos, modos de vida e recursos no momento. E compreender isso é romper com laços históricos de regras e julgamentos pré-definidos sobre o que faz uma "boa mãe".

É a nossa relação com o trabalho intelectual e as instituições acadêmicas que deve ser alterada. (...) Enquanto o estudo for uma mercadoria pela qual devemos pagar, ou um passo na "caça ao trabalho", a nossa relação com o trabalho intelectual não pode ser uma experiência libertadora. (FEDERICI, 2019, p. 124)

Silvia Federici (2019) já aponta para a sobrecarga das relações de gênero na nossa sociedade, e o desequilíbrio histórico evidente na questão dos cuidados domésticos e das tarefas privadas. É urgente discutir, e transformar a sociedade, porque os cuidados primários ainda estão no ombro das mulheres, e os custos da nossa "liberdade" nas suas carreiras e vidas públicas. Uma das últimas crônicas que escrevi antes do início da pandemia revela exatamente esta combinação de identidades:

Aula de ciências

3 de março de 2020

Clara Rosa caminha a passos largos para a adolescência. Quando lhe dou ordens, sua reação tem sido bufar, rolar os olhos e, às vezes, bater os pés mais forte no chão. Há uma tensão no ar entrecortada com risadas ainda bem infantis. Essa mescla de humores e comportamentos me irrita e me encanta simultaneamente. Vejo-a forte e doce. Leve e brava.

Como, em geral, sou uma mãe que pouco ri quando confrontada — e desconheço a mãe que acha graça explícita nesse enfrentamento — falarei dos momentos de doçura, que, em realidade, deixam entrever a força argumentativa que eclode nas situações de discussão.

Dias atrás conversávamos sobre a aula de Ciências da escola, e Clara Rosa disse-me que não tinha mais dúvidas sobre a alimentação das folhas — o tema da aula era cadeia alimentar — porque a professora explicou que folhas consomem gás carbônico.

É preciso entender que Clara fala saltitando. Há anos ela é assim. Ela fala e pula e corre e faz caretas e faz poses. E ri. Clara Rosa ri de si mesma e de suas bobagens com uma candura genuína. E, se eu não pedir que ela pare — afinal é uma energia “imparável” —, imagino que ela seja capaz de fazer isso o dia todo! Ela é realmente uma menina engraçada.

Enfim, ela correu na direção de uma árvore e fez uma de suas poses, e eu ri. Ela me perguntou o motivo, e eu disparei:

— Eu olhei você e as folhas e pensei: deve ser triste ser uma folha, porque não deve ter gás carbônico sabor baunilha ou frango assado.

Ela olhou as folhas e logo entrou na onda da minha conversa. Clara Rosa, a filósofa, respondeu:

— Acho que elas não devem ser tristes, porque a gente não sabe como elas sentem o gás. Para elas, pode ser que tenham variações no sabor, daquelas bem gostosas. Como será que as plantas comem?

— Excelente pergunta. Faça-a amanhã para a professora.

— Mas, mãe, você já não estudou isso? Você não sabe as respostas?

Eu sorri.

— Filha, algumas coisas já não me recordo exatamente. Outras eu sei. Mesmo assim, minha função não é te dar respostas. É te ensinar a fazer boas perguntas e o que fazer para tentar respondê-las.

A reação não foi outra senão:

— Ahhhhhhhh, Mãaaaaaa! Você sabe, fala logo!

Rimos. Eu mantive a ideia do “pergunte para a professora” e ela, afinal, aceitou.

Continuamos nosso caminho, falando sobre o assunto, “será que isso?”, “será aquilo?” e chegamos em casa.

Não sei se estou errando mais do que acertando ou acertando mais do que errando. Naquele dia fui dormir ainda sorrindo, pensando em folhas felizes e seus gases carbônicos sabor “chocolate quente com avelãs”.

Quem sabe?

(SOARES, 2022, p. 227-228)

Em todos os momentos as minhas identidades acadêmica/científica e artística fundem-se na minha prática de maternidade. Simultaneamente,

encorajo as minhas filhas a desenvolver as suas perguntas e a desenvolver respostas sobre o mundo que os rodeia. Um detalhe que não passará despercebido a/ao leitor/a: como historiadora, tenho o hábito de datar todos os meus escritos. Portanto, todas as crônicas são datadas, como uma forma de perceber a passagem do tempo e os seus efeitos nas minhas reflexões e mesmo formas de escrever e compreender o mundo e eu própria.

Desta maneira, entrelaço minha própria escrita com o crescimento das discussões no Brasil sobre um maternar feminista, os surgimentos dos coletivos universitários de mães e o debate cada vez mais qualificado nas universidades sobre a temática dos paradigmas da maternidade que deixam de serem vistas como algo único, fechado com verdades naturais e imutáveis.

A minha maternidade foi construída no contrafluxo dos discursos hegemônicos de de felicidade materna que opera dentro daquilo que conceituo como uma "pedagogia dos sentimentos". Neste sentido,

Por pedagogia dos sentimentos entendo os dispositivos culturais que foram sistematicamente criados, entre o final do século XVIII e ao longo do século XIX, tais como a literatura criada especialmente para as mulheres, para ensinar deliberadamente certas condutas e ações morais na sociedade. A pedagogia dos sentimentos baseia-se na noção de que os seres humanos são socialmente ensinados a agir a partir de uma complexa rede de expectativas e fantasias de aceitação social a partir de modelos de comportamento, gostos e desejos. Esta rede de expectativas é constantemente reiterada por dispositivos culturais que ensinam as respostas emocionais adequadas para aumentar o grau de aceitação social das pessoas no coletivo. Noções de moralidade não são internalizadas através de lógicas racionais, mas, sobretudo, pelas recompensas emocionais que recebem (SOARES, 2021, e-book online)

Somos muitas e somos mães segundo as nossas especificidades, em resistência a estes dispositivos emocionais que insistem numa "forma única" de maternidade, como uma fórmula mágica de felicidade e plenitude. Portanto, é fundamental este debate e a construção de políticas sociais públicas que forneçam a base para esta transformação de uma identidade fixa e imutável para maternidades plurais e diversas que podem ser exercidas plenamente, de acordo com as necessidades de cada mãe e família.

Em outras palavras, precisamos de nos afastar do modelo privado da maternidade para uma ideia comunitária decolonial de que todos somos, até certo ponto, responsáveis pelo cuidado das crianças, e que as condições materiais potenciais precisam de ser implementadas no Brasil, de modo a que as nossas profundas desigualdades sociais, fruto do passado colonial e de políticas que permaneceram elitistas ao longo da nossa curta experiência republicana, possam finalmente ser ultrapassadas, em direção a uma sociedade em que o destino da "plena felicidade" de uma mulher não seja apenas a sua maternidade.

Gosto particularmente desta pequena crônica abaixo porque representa a ideia de que eu sou a "melhor mãe" que a minha filha pode ter e ela está muito feliz com isso. Em vez de me culpar por quaisquer situações que possam ser consideradas como fracassos, a minha filha entende-me como a melhor para ela.

Minha melhor mãe

6 de outubro de 2016

Almoço. Clara, para variar, demorando para comer.

— Nossa, Clara, você já comeu tudo isso! — digo, para incentivar.

— Você fez batatas! — ela responde.

— Está gostoso?

— Você é minha melhor mãe! — Eu sempre digo que ela é minha melhor amiga.

— Você tem outras?

— Claro que não, ué!

Lógica de criança faz o dia valer a pena! ♥

(SOARES, 2022, p. 181)

Ser mãe no Brasil é algo cheio de mitos, expectativas e atravessado pela ideia de uma "natureza" feminina essencial, pensamentos religiosos deixados da colonização cristã que só as mulheres possuem a sabedoria inata de ser a única pessoa capaz de cuidar e manter as crianças saudáveis e seguras. Estes

discursos têm diferentes origens normativas/controláveis - religiosas, médicas, científicas, mediáticas, legais - e construíram, ao longo dos séculos no Ocidente, uma narrativa dominante sobre uma imagem idealizada de comportamentos, sentimentos e atitudes da chamada "boa mãe".

E o Brasil não está sozinho nessa herança de um certo tipo de maternidade. A forma e a força destas imagens e discursos são tão intensos no Ocidente, que segundo o mandato das Nações Unidas (ONU) publicado em Março de 2020, os cuidados domésticos das mulheres continuam a ser os cuidados primários, e a responsabilidade de cuidar dos donos de casa e a maior incipiência das mulheres no trabalho informal reflete e afeta as vidas das mulheres com maior intensidade no meio de uma situação pandêmica.

As mulheres continuam a ser as mais afectadas pelo trabalho não remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e quando as escolas fecham, as tarefas de cuidados recaem principalmente sobre as mulheres, que em geral têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças.

O emprego e os serviços de cuidados afectam os trabalhadores em geral e, em particular, as mulheres trabalhadoras informais e domésticas. A capacidade das mulheres para assegurar a sua subsistência é altamente afectada pela pandemia. A experiência tem demonstrado que as quarentenas reduzem consideravelmente as actividades económicas e de subsistência e afectam sectores altamente geradores de emprego para as mulheres, como o comércio ou o turismo.

É necessário compreender que nem a noção de "mulher" nem a noção de "mãe" podem ser entendidas como naturais, imutáveis, fechadas e existentes em si mesmas. Serão sempre históricas, demarcadas nos corpos, pelo tempo/espaço e pelas possibilidades de vida.

Desnaturalizar, historicizar e debater. Criar condições materiais para que TODAS as mulheres mães possam desenvolver as suas aspirações, desejos e sonhos. A luta materna é constante e, no Brasil, esbarra constantemente contra preconceitos que insistem em dizer que as "mães feministas" são

mulheres incapazes de amar. Já fui acusada disto, mas como sei que é mais uma forma do patriarcado tentar refrear-me, não me abano por mais do que alguns minutos. Hoje, rodeado por uma comunidade virtual e física nesta intensa vida materna com múltiplas identidades, posso dizer que não faria nada de diferente. Adoro ser mãe e ser mãe. Odeio algumas tarefas, tal como em todos os meus outros trabalhos e identidades. Agora sei quem eu sou.

E termino este capítulo com uma crônica escrita em 2017, mas cujas palavras ainda são tão verdadeiras e mais intensas do que então, já que agora vivo com duas pessoas pequenas, que não são "parte de mim" - uma expressão comum do mito da boa mãe - mas pessoas que têm as suas próprias alteridades, ainda crianças, com quem tenho grande prazer em falar, são raparigas divertidas, interessantes e minhas filhas. Ao falar de mim, descobri um campo de estudo, amizades, afetos, e hoje sei que esta é uma grande constante "tornar-se uma feminista" numa luta que me ultrapassa, rumo a uma sociedade mais equitativa com menos injustiças de gênero.

Amores plurais

28 de outubro de 2017

Sou mãe de duas meninas. Uma de seis anos, outra de vinte e seis dias. E já entendi que o exercício da maternidade se constrói no dia a dia. Tem dias que é fácil, tem dias que quero sumir. Mesmo longe, serei mãe, então não há muita saída. E de fato, como dizem, planejo minhas "fugas" incluindo minhas filhas no roteiro, não por elas necessariamente, mas por mim e pela alegria que sinto perto delas. O amor de mãe é egoísta sendo altruísta.

A maternidade é diferente para cada criança, não apenas pelas necessidades diferenciadas em razão da idade. Simplesmente porque a mãe que eu fui para a Clara Rosa recém-nascida não existe mais e, portanto, sou outra mãe para a Aurora Yasmin recém-nascida. Alterei conceitos, repensei atitudes e o tempo exerceu seu efeito ora curativo, ora abrasador. Estou mais velha. E a dinâmica da própria relação com a Clara, outrora filha única, se alterou. Lentamente, durante nove meses, nos acomodamos para a existência de mais uma pessoa na família. E quando a Aurora nasceu, pudemos saudá-la com boas-vindas saudosas de alguém desconhecida e desejada, uma "nova velha" amiga, pois todos já queríamos a sua presença em nossas vidas.

O amor é interessante. Dizem que uma mãe ama seus filhos igual. Discordo. Amamos diferente. Cada um do seu jeito, e do jeito que somos no momento em que eles invadem nosso coração.

Talvez seja esse o melhor segredo do amor: ser adaptável e infinito.

(SOARES, 2022, p. 211)

A maternidade é uma construção cultural, influenciada por normas, valores e expectativas sociais, mesmo com as questões nefastas da exploração do trabalho de cuidado no contexto do capitalismo e da necessidade de uma grande discussão sobre a igualdade de gênero como revolucionária para a alteração da ordem das estruturas vigentes que se alicerçam no trabalho feminino. As mulheres podem usar sua maternidade como um local de resistência política contra as normas de gênero opressivas, o capitalismo explorador. Dias mulheres melhores virão! E como eu sempre digo: é possível sermos melhores, sempre!

Referências

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza e RIAL, Carmen. Entrevista com Joan Wallach Scott. In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v. 6, n.1, p. 114- 124. 1998.

L. SANTOS MACHADO *et al.* (2019) "Parent in Science: The Impact of Parenthood on the Scientific Career in Brazil," *2019 IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE)*, Montreal, QC, Canada, pp. 37-40, doi: 10.1109/GE.2019.00017.

MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. História das relações de gênero no ensino de história: reflexões sobre o entrecruzamento dos campos. In: MACIEL, David; DUARTE, Sérgio. *História e Ensino de História hoje: uma defesa*. Jundiaí: Paco editorial, 2022, p. 75-96.

MEYER, Dagmar E; SCHWENGBER, Maria Simone. Maternidade. In: COLLING, Ana Maria e TEDESCHI, Losandro. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: EdUFGD, 2015, p.441-445.

O'REILLY, Andrea (editor). *Encyclopedia of motherhood*. London, SAGE Publications, LTDA, 3 vol, 2010.

O'REILLY, Andrea (editor). *Feminist Mothering*. NY, Sunypress, 2008.

O'REILLY, Andrea. "It saved my life": The National Association of Mothers' Centres, Matricentric Pedagogy and Maternal Empowerment. In: *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*. Toronto, ed.: Mothers, Education and Maternal Pedagogies, Spring/Summer, 2013, v. 4, n.1, p: 185-209.

RELATÓRIO de março da OnuMulheres. Disponível em: www.onumulheres.org.br Acesso em: 01 set. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero e as Políticas na História: Trinta anos depois. (Traduzido por Ana Carolina Eiras Coelho Soares) In: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho e ZARBATO, Jaqueline AP. M. (orgs.) *História das Mulheres e das relações de gênero no Centro Oeste: trajetórias e desafios*. Campo grande: Life, 2020.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2), p. 09-39, jul./dez. 1990.

SCOTT, Joan W. Experiência. In SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). In: *Falas de Gênero – Teorias, análises, leituras*. Editora Mulheres: Ilha de Santa Catarina, 1999.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Crônicas de Mãe*. Goiânia: 2022.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Pedagogia dos Sentimentos, Literatura e História: por um ambiente social plural. In: *Relações Internacionais em um Mundo Pós-Pandemia: Permanências e Descontinuidades* (eBook Kindle). Porto, Cravo Press, 2021.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; CIDADE, Camilla de Almeida Santos; SILVA, Juliana Márcia Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente. *Historical records of the emergence of national mother collectives in universities and the strengthening of the motherhood struggle in current brazilian science*. Marchand, Andreia Silva de Souto. Women Scientists and the pandemic challenges of motherhood. Porto Alegre, Editora Fi, 2021, p. 103-115.